

Seminário sobre arte pública é registrado em livro

A publicação, organizada por Denise Milan e Jesus Vazquez Pereira, será lançada hoje, às 20 horas, no Sesc Vila Mariana e reúne textos de 16 especialistas em áreas diferentes

ANAWEISS
Especial para o Estado

Durante o Seminário de Arte Pública, realizado no Sesc Pompéia há dois anos, Michael Brenson - ex-crítico de arte do *The New York Times* e editoralista das revistas *Sculpture* e *Art Journal* - afirmou que nenhum tipo de estratégia artística tem significado universal.

"Nenhum tipo de arte deve ser visto isoladamente ou julgado categoricamente por seus nobres propósitos ou pela campanha que escolhe", advertiu o responsável pela abertura da série de discussões publicada em livro homônimo, que será lançado hoje, no Sesc Vila Mariana.

É exatamente contra esse isolamento de juízos que o conjunto de textos de *Arte Pública* (320 páginas, Sesc São Paulo) se posiciona. O livro mostra o conceito de arte pública por pontos de vista de 16 arquitetos, artistas, urbanistas, arte-educadores, críticos, filósofos, empresários e artistas plásticos do Brasil, da França e dos Estados Unidos. "A arte pública ainda engatinha no Brasil exatamente pela falta de contato entre os profissionais que olham a arte", acredita Denise Milan, curadora do evento que deu origem à publicação, organizada em parceria com Jesus Vazquez Pereira.

O brasileiro Paulo Mendes da Rocha, por exemplo, desfaz com seu texto o conceito de arte pública como simplesmente a exposição do objeto artístico fora dos chamados locais tradicionais de exibição (raciocínio que vê qualquer monumento erguido em praça como "uma arte pública").

O arquiteto, que divide o capítulo *Reflexos e Reflexões* com o professor Brenson, defende a noção do espaço

público como suporte para a arte e toma como exemplo um local que, como os museus e galerias em geral, se enquadra na categoria de espaço tradicional da exposição, a Bial de São Paulo. Ainda que a mostra tenha visitação limitada aos que pagam ingresso, o urbanista crê que a bial, por transformar exposição de obras em discurso, eleva o evento ao patamar de conhecimento que se acaba tomando patrimônio público.

A crítica de arte Aracy Amaral disserta sobre as obras de arte, principalmente as esculturas, construídas em espaços públicos de São Paulo no capítulo *A Arte Pública em São Paulo*. Ela escreve sobre a falta de planejamento do que chamou de humanização da cidade, a distribuição de obras pelas vias urbanas, fazendo um contraponto com a pesquisadora americana Harriet Senie, que discute a arte pública norte-americana.

"É necessário que haja um confronto de idéias para que o conceito tenha um sentido global, uma vez que a arte pública envolve, ao mesmo tempo, questões políticas, sociais, estéticas e até mesmo mercadológicas", acrescenta Denise, que tem uma "obra pública" instalada em uma praça de Chicago. "É pública não apenas porque está a céu aberto e à mostra de quem passa pelo lugar", diz a artista plástica sobre a peça feita com pedras de diferentes garimpos brasileiros. "Ela foi criada com pedras soltas para ser manipulada e refeita por quem passa por lá", conclui a artista.

A parte do livro chamada de *Mundos e Fundos* reafirma a proposta interdisciplinar da iniciativa. Enquanto Brenson define o perfil dos criadores de arte pública como "ativistas", Maria Alice Machado Gouveia, Tom Fikienpearl e Roberto Muylaert descem do Olimpo das discussões estéticas



Aracy Amaral: obras paulistanas

cas e filosóficas para tratar de sua concretização: a verba pública.

Ex-ministro da Comunicação Social, Muylaert desenvolve o tema prometido pelo título, *Incentivos Fiscais: Quem Carrega o Carrinho?* O jornalista traça a história dos problemas entre a iniciativa pública e privada a partir de 1852, quando, em suas palavras, Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, resolveu transformar o imperador d. Pedro II em um misto de suado operário e garoto-propaganda, por ocasião do lançamento da estrada de ferro de Petrópolis, a primeira do tipo no País. A brincadeira do ex-ministro é, como revela no decorrer do capítulo, uma paródia sobre o nascimento equivocado da idéia do marketing cultural que se pratica hoje no Brasil. Segundo Muylaert, "muitas pessoas que fazem projetos são tão fanáticas pela idéia que esquecem de um detalhe: o retorno daquele investimento para a empresa". E, tratando-se de dinheiro descontado dos impostos recolhidos pelo Estado, a crítica dos jornalista estende-se aos que esquecem da sociedade, usando, ainda que de forma indireta, o dinheiro público.

SERVIÇO

Arte Pública. Lançamento hoje, às 20 horas, no Teatro do Sesc Vila Mariana, Rua Pelotas, 141. Os exemplares podem ser solicitados pelo telefone 5080-3041



O arquiteto Paulo Mendes da Rocha: em defesa do espaço público como suporte da criação artística

Londres exhibe arquitetura atual brasileira

Projetos de arquitetos como Mendes da Rocha ficam no *Architectural Association* até o dia 11

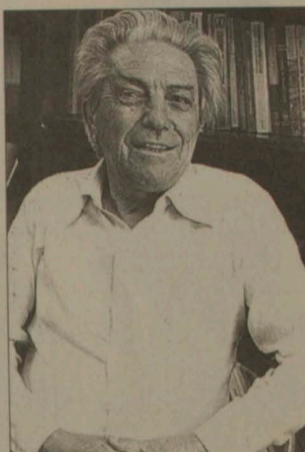
LAIS PIMENTEL
Especial para o Estado

LONDRES - Em 1943, o Museu de Arte Moderna de Nova York inaugurou a exposição *Brazil Builds* (O Brasil constrói) e logo depois a arquitetura brasileira saiu do foco da atenção internacional, apesar de talentos individuais, como Oscar Niemeyer, terem despertado interesse para além das fronteiras nacionais a cada novo projeto. Agora, a produção arquitetônica brasileira volta a ser tema de debate e eventos, desta vez, em Londres, no *Architectural Association*, com a mostra *Brazil Still Builds 2* (O Brasil ainda constrói), uma alusão ao evento de 43. A exposição fica aberta até o dia 11, com mostras do barroco brasileiro, além do projeto da estação de metrô de Copacabana, assinada pelo arquiteto João Martinez Correa, e inúmeros trabalhos de Paulo Mendes da Rocha, responsável, entre outros, pelo Pavilhão Brasileiro da Exposição Mundial de 1970, em Osaka, Japão, e o Museu Brasileiro de Escultura (MuBE), em São Paulo.

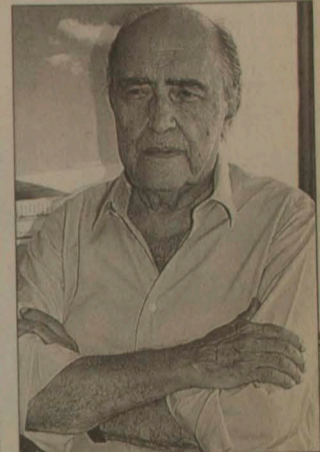
Aspectos da cultura brasileira andam em alta na Europa. Além dos bares verde-e-amarelo que proliferam em Londres, e a paixão pelo futebol canarinho, agora é a vez de a Inglaterra se interessar pela produção arquitetônica brasileira. O movimento de "redescoberta" começou em junho deste ano com a primeira parte deste "revival" intitulado *Brazil Still Builds*, no mesmo AA. Naquela primeira fase, a exposição reuniu projetos arquitetônicos dos anos 40 até o presente, principalmente assinados por Vilanova Artigas e pelo francês, de nascimento, Afonso Eduardo Reidy.

O convidado especial daquele evento, professor Nabil Bonduki, professor da Universidade de São Paulo, traçou um paralelo das principais diferenças entre o chamado estilo carioca e o paulista de fazer arquitetura. No "Pedregulho", 1947, e no Museu de Arte Moderna, de Reidy, estariam alguns dos aspectos da arquitetura do Rio que, por ser uma cidade construída em meio a uma paisagem fortíssima, teria desenvolvido um estilo de construção comprometido com os arredores. O contraste paulista estaria no traçado dos prédios da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e no Cecap.

Paulo Mendes da Rocha, professor da Faculdade de Arquitetura da



Vilanova Artigas e Oscar Niemeyer: redescobertos pelos europeus



USP e ex-presidente do escritório do Instituto dos Arquitetos do Brasil, além de ter alguns de seus projetos em exposição no *Architectural Association*, foi também convidado a dar uma palestra sobre a produção arquitetônica no Brasil. Sob o título *Arquitetura na América: Um Caso Técnico*, Mendes da Rocha discute a descoberta da América e o conceito de mundo moderno, assim como a cidade contemporânea no continente americano.

Do alto de 40 anos de profissão, Mendes da Rocha explica: "Não podemos fingir que foi descoberta pela América que foi descoberta pelos europeus; essa noção da América agora como uma revisão crítica do passado colonial, um erro técnico como foi o desastre das cidades." Ele selecionou trabalhos como o Clube Atlético Paulistano e o Museu Brasileiro da Escultura para falar de técnica e estética e definir possibilidades abertas pela história recente de um país relativamente novo como o Brasil. "Está a demanda de uma visão de projeto contemporâneo, a

aplicação de uma totalidade de conhecimento, que é a arquitetura que se traduziria nas instalações humanas, na natureza in natura." Segundo ele, é isso que gostaríamos de colocar numa questão teórica para que surja uma arquitetura oportuna para os tempos modernos - e o pessoal aqui gosta desse contraponto -, uma arquitetura que fuja de dogmas e seja inventiva de acordo com os problemas atuais do homem e de seu habitat.

A escola de Arquitetura da *Architectural Association* conta com vários brasileiros em seu curso de graduação e mais ainda no de pós-graduação, mas por trás da organização dessa série brasileira está o entusiasmo de um alemão, Michael Hen-

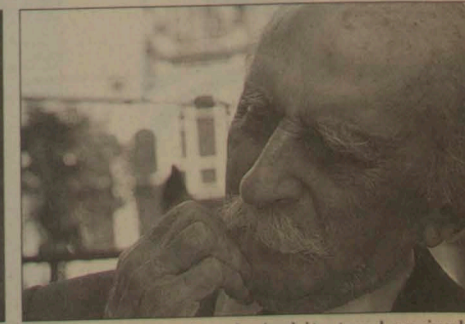
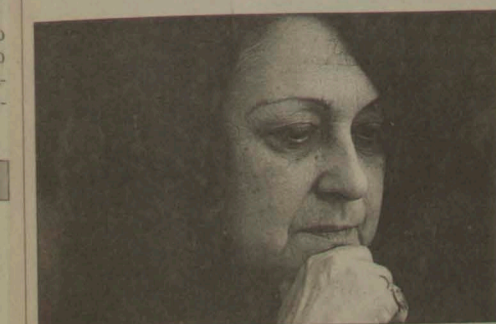
sel, que já foi ao Brasil "umas seis ou sete vezes", é especialmente interessado nas diferentes expressões arquitetônicas dos países.

Para ele, apesar de todos os louros merecidos que cercam nomes como os de Niemeyer, Lúcio Costa, Lina Bo Bardi, Reidy e Artigas, e do impacto causado pela construção de Brasília, as críticas que se seguiram à construção da nova capital brasileira, um rico e variado momento artístico brasileiro foi ignorado durante muitos anos pelos experts internacionais. "Decidimos, então, organizar uma série de exposições que explorasse as diversas manifestações arquitetônicas do Brasil."

Herança cultural - Depois de Vilanova Artigas e Reidy, conta Hensel, a decisão foi concentrar a "mostra atual num nome com o trabalho mais representativo" da história política do Brasil. "Para uma visão mais ampla sobre a arquitetura brasileira, estamos apresentando uma exposição paralela menor sobre o barroco no Brasil, exibindo backgrounds importantes que contribuíram para o estilo modernista." Lúcio Costa, por exemplo, foi o grande promotor da fusão das idéias de Le Corbusier com o barroco brasileiro, um elemento da herança cultural brasileira, como um estilo colonial importante que ganhou novas facetas no Rio, Salvador e em São Paulo.

De Minas Gerais, a exposição *Brazil Still Builds 2* mostra a mudança radical do barroco octogonal para o barroco de curvas, como explica Hensel: "O trabalho de Aleijadinho será apresentado por meio de textos e fotografias e, a partir daí, mostramos a evolução da arquitetura brasileira até chegar ao modernismo de Oscar Niemeyer." De Niemeyer foram selecionados os projetos do Memorial da América Latina e do Museu de Arte Moderna de Niterói.

O público é extremamente interessado em assuntos como estes, garante Hensel. Para o ano que vem, o *Architectural Association* está planejando uma mostra centrada em arquitetos mais jovens.



Lina Bo Bardi e Lúcio Costa: projetos integraram a mostra realizada pelo *Architectural* em junho

MAM abre debates com artistas construtivos

Além das apresentações, o museu lança, ainda este mês, livro sobre a sua história e uma revista

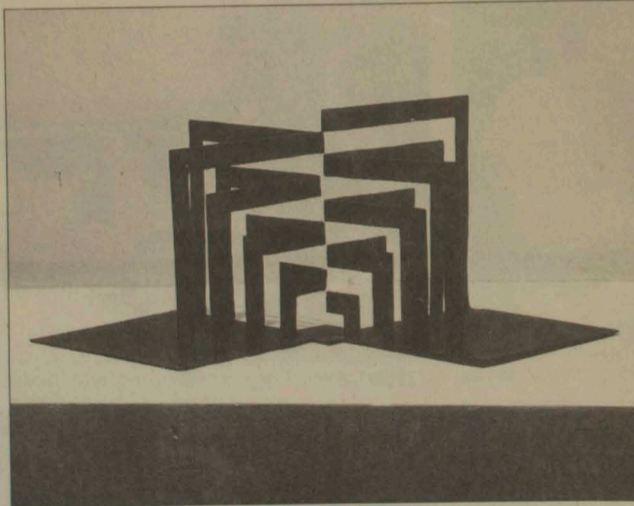
Seis artistas representados pela última exposição do ano do cinquentenário do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) apresentam depoimentos sobre o próprio trabalho e o movimento construtivo a partir de hoje, no auditório do espaço. A programação de encerramento prevê também dois lançamentos para este mês, o da *Revista do MAM* e o de um livro sobre a história e o acervo do museu.

O artista plástico Luis Sacilotto inaugura o ciclo de depoimentos sobre a mostra *Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner*, que será gravado, fotografado e filmado pela organização do MAM. "A idéia partiu da constatação de que esta coleção tem o privilégio raro de contar com artistas vivos e em atividade", comenta Tadeu Chiarelli, curador-chefe da casa. "É uma chance de ouvir o que os artistas têm a dizer sobre o movimento que ajudaram a construir."

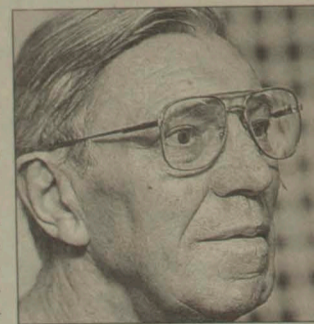
Chiarelli conta que o material registrado durante as apresentações dos artistas construtivos poderá render as pautas de inauguração do periódico do museu, que terá o primeiro número lançado pela Lemos Editorial, no dia 20. "A revista será vendida no próprio museu e em bancas de jornal", informa o curador, que calcula uma tiragem inicial de 3 mil exemplares. "É um veículo para que as atividades desenvolvidas no MAM repercutam fora de seus domínios."

As apresentações dos depoimentos estão marcadas para as terças e quartas-feiras e trarão ao auditório do museu Hércules Barsotti, Alexandre Wollner, Norberto Nicola e Hermelindo Fiaminghi.

Chiarelli diz que não houve nenhum tipo de preparação para as palestras. "São depoimentos que poderão tomar rumos surpreendentes e isso dependerá somente da relação do artista com a pla-



Peça da coleção de Adolpho Leirner: ponto de vista dos criadores

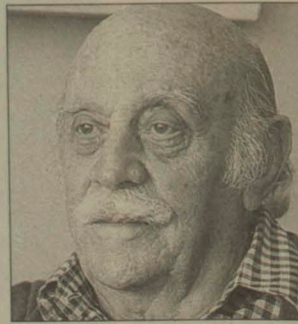


Luis Sacilotto: primeiro artista

téia." Ele acrescenta que, embora não estejam previstas, poderão ser realizadas visitas com o acompanhamento do artista. "Tudo depende da disposição dos participantes e do apresentador."

Em paralelo aos eventos ligados à mostra de arte construtiva, a direção do MAM se articula para o lançamento, ainda sem data marcada, do livro sobre o museu. Organizada pelo próprio Chiarelli, a obra

será dedicada à história de meio século do museu e a uma visão geral do acervo, hoje composto por cerca de 2.500 peças. O autor avisa que a publicação não deve ser confundida com algum tipo de catálogo relativo ao cinquentenário.



Barsotti: entre os seis convidados

"Nem todas as peças do acervo estão reproduzidas", diz Chiarelli. Ele define as 160 ilustrações do livro de 360 páginas como um mapeamento do acervo do museu. "O fundamental é o levantamento histórico, sobretudo do período que segue a reconstrução do MAM, a partir de 1963", adianta o autor.

O livro, presente que encerra o aniversário do MAM, é o 17.º título do tipo publicado pelo Banco Safra e ainda não tem tiragem definida. (A.W.)

SERVIÇO

Ciclo de Depoimentos com Artistas Construtivos Brasileiros. De hoje ao dia 16, terças e quartas-feiras, a partir das 15h. As palestras são abertas ao público e as inscrições podem ser feitas no próprio MAM (Parque do Ibirapuera, portão 3)

POLÍTICA
CULTURAL ESTÁ
ENTRE OS TEMAS
DA OBRA

MOSTRA
PARALELA
FOCALIZA OBRAS
DO BARROCO